APPARECE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

«QUEM VAE A UMA BARRICADA PRECIZA LEVAR, ALÉM DE UMA ESPINGARDA NA MÃO, UMA IDEIA NO CEREBRO»

ANNO I — NUMERO 14

Redacção e administração — Rua do Rosario Nº 170

Director: Orlando Corrêa Lopes

Brazil — Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1915

Assignaturas
Brazil — anno. . . 5$000 — Exterior — anno. . . 7$000
Numero avulso 100 rs. — Numero atrazado 200 rs.

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

NA BARRICADA

A imprensa de opposição, que vinha mantendo o sitio em torno ao presidente da republica, a pretexto de impedir o dominio do pinheirismo, *rompeu, afinal, com o sr. Wenceslau Bráz. Motivou o rompimento a escandalosa rescisão do contracto com a empreza constructora do dique da ilha das Cobras.*

A patifaria nada tem de excepcional, é perfeitamente egual ás outras que já se fizeram e que ainda se farão.

O que é interessante é a attitude de certos orgãos da imprensa na questão.

Uns jornaes responsabilizam o ministro da fazenda pelo escandalo, outros incluem tambem o ministro da marinha, mas, uns e outros, procurando afastar do chefe da nação a responsabilidade da ladroagem. Esses mesmos jornaes, porém, em casos identicos, passados em outros governos, pregaram a doutrina de que o chefe da nação é o unico responsavel pelos actos do governo, visto como, pela constituição, os ministros são meros secretarios do presidente da republica.

Por outro lado, jornaes que em outros tempos fizeram campanhas identicas contra ministros, continuando a apoiar o governo, agora pretendem que, no caso do dique da ilha das Cobras, o unico responsavel é o sr. Wenceslau Bráz.

Este caso escandaloso, porém, promette ainda algumas surprezas, pois nem na imprensa nem no Congresso o acto do governo teve qualquer defeza. E' que estão em jogo interesses respeitaveis. *Apesar da quebradeira do Thezouro, o cargo de ministro da Fazenda está sendo namorado pelos amigos do sr. Wenceslau. De modo que de uma ladroeira, como essa do dique da ilha das Cobras, fez-se um caso meramente politico. Ninguem se preoccupou com o escandalo, senão pensando na substituição do ministro da Fazenda. Da responsabilidade criminal dos patifes que lezaram o Thezouro, nem se fala. Já chegamos a tal descalabro, que um escandalo dessa ordem, uma ladroeira tão descarada como essa do dique da ilha das Cobras, só vem a publico e é discutida para se saber se o ministro da Fazenda deve ou não continuar no cargo. De modo que se o chefe da nação despedir o snr. Calogeras, dando-lhe outra commissão ou mandando elegel-o deputado por Minas, tudo voltará ao antigo estado e o snr. Antonio Carlos, que, como* leader *do governo na Camara, até agora ainda não encontrou defeza para o acto do governo, se for nomeado substituto do snr. Calogeras, tratará por todos os meios de salvar o seu correligionario. Mas, o dinheiro roubado não mais voltará ao Thezouro. Os jornaes, porém, voltarão a elogiar o snr. Wenceslau Bráz pelo seu acto de extraordinaria energia.*

Eis ahi o que é a politica. Aos ladrões de 8 mil contos, apenas a substituição nos cargos que desempenham, aos que roubam um pão a cadeia!

Orlando Corrêa Lopes

O FECHAMENTO DAS PORTAS. — A tendencia dos governos é sempre de cercear as liberdades que o povo conquista. O caso do fechamento das portas e reducção do trabalho dos empregados no commercio a 12 horas por dia é um exemplo.

Não ha muito, houve no Rio de Janeiro uma grande agitação em torno desta questão, dando em resultado uma lei nesse sentido, que, bem ou mal, vinha sendo cumprida. Essa lei não prejudicou ninguem, pois, fechando o commercio ás 7 horas da noite, a população habituou se á medida e nenhum commerciante vendeu menos por isso. As vantagens, entretanto, foram grandes para a classe dos empregados no commercio, que tiveram mais tempo de descanço, podendo dedicar algumas horas ao estudo. Seria natural, portanto, que, ao envez de voltar ao regimen antigo, a tendencia geral fosse para diminuir ainda mais as horas de trabalho, reduzindo-as a 10 ou 8. Pois, assim não entendeu o sr. Rivadavia Corrêa, que acaba de enviar uma mensagem ao Conselho Municipal em que solicita, a pretexto de augmentar as rendas municipaes, uma lei que lhe permitta conceder licenças especiaes ás casas commerciaes que queiram funccionar até depois das 7 horas da noite, e nos domingos e feriados.

Não acreditamos, porém, que o sr. Rivadavia consiga levar por deante os seus acanhados designios. Quando um direito é realmente conquistado, difficilmente se o supprime. E' o que está demonstrando o protesto dos empregados no commercio. A agitação promovida pela mensagem do prefeito dará, afinal, por terra com a pretenção estulta do sr. Rivadavia de augmentar as rendas municipaes de mais alguns mil réis provenientes das licenças especiaes, a custa da annulação de um direito já conquistado.

Prosiga, portanto, essa benefica agitação dos empregados no commercio e contem estes com as columnas de *Na Barricada*, que lhes pomos á inteira disposição para a defeza dos seus direitos.

O QUE PENSO

Creio que me não tenho demorado em dizer aos meus camaradas anarchistas o que penso relativamente á questão que tanto os preoccupa e que a mim tambem traz desasocego espiritual.

Sendo o assumpto de natureza complexa e de grande responsabilidade o juizo que sobre elle se formar, donde resulta ser de alto valor o conceito organico que se tenha sobre a solução do problema, procuro expôr de modo claro o meu pensamento, partindo logicamente do estudo da situação social, prendendo-a necessariamente aos seus antecedentes ethnicos e sociaes, de modo a concluir precisando o que entendo consoante á questão em debate.

Como toda a gente que estuda e que observa, sinto que a actual organização social fatalmente se modificará; que a dissolução, ora a precipitar-se, do mando moderno tambem é evidente; que as reclamações dos que formam a massa explorada são de justiça inilludivel; que futuramente, em época que se não pode precisar, uma nova feição será dada á sociedade, tambem ninguem pode duvidar.

Estamos, eu e os anarchistas, accordes no julgamento de que a sociedade actual está em agonia; não estamos de accordo, porém, quanto ao termo d'esta crise, isto é, relativamente ao que d'ella advirá, de maneira ephemera, porque, sempre a humanidade evolvendo, as suas necessidades serão variadas e os meios de resolvel-as, por sua vez, tambem variarão.

A crise social e moral nos não é estranha aos anarchistas e a mim; somente o que virá depois d'ella é que nos separa.

De resto, esse dissidio é mais apparente do que real: —elle é a consequencia da visão do problema, que nos é dada de modo differente, certo, porque nenhuma observação escapa ao nosso coefficiente pessoal.

Os anarchistas entendem que a suppressão dos governos, que a eliminação das patrias e o desapparecimento da propriedade individual, resolvem o problema.

Eu não julgo isso possivel, e não o julgo —através da contemplação da evolução humana:

Que vêmos no homem, desde o seu mais remoto estadio de civilização, até a situação actual? Não é a precisão cada vez maior, d'esses conceitos contra os quaes se revoltam os anarchistas? Não é a accentuação, cada vez mais nitida, d'essas noções que tanto irritam os anarchistas?

Desde que o homem existe, elle se agrupa (porque a solidariedade e a sociabilidade lhe são inherentes e em alto grão) e desde logo surge espontaneamente o conceito de governo, o primeiro que se lhe apresenta, dada a sua instabilidade de pouso. E como se manifesta esse conceito? Decorrentemente da necessidade que o homem experimenta de quem systematize as suas tendencias e as suas necessidades de vida. E como estas são, toda a gente o sabe, guerreiras, o governo é naturalmente do mais valente. O mais corajoso, o mais audaz, dirige fatalmente. E esta acção, que ninguem de boa fé pode negar, se daria se o homem não sentisse intrinsecamente a sua necessidade?

Não, á evidencia.

E desde esse periodo longinquo da especie humana até á hora presente, essa acção tem deixado de existir entre os homens, isto é, houve alguma sociedade organizada estavelmente sem o ascendente de uma autoridade?

Não, inegavelmente.

Ora, se o homem, em sociedade, não prescindiu de quem o norteasse, de quem fosse o expoente da sua situação; se jamais se viu sociedade sem governo; se a sociedade sabe provêr ás suas necessidades e sempre admittiu o conceito de governo; se o homem evolúe, isto é, conserva melhorando; se a olhos desapaixonados, em todo o desdobrar successivo da humanidade, em caminho constante do melhor, se apresentou sempre o governo, como não concluir, com a logica sã e insophismavel, que não pode haver sociedade sem quem a governe?

A natureza do governo é que é discutivel; o seu modo de agir é que é passivel de censura; d'ahi, porém, a negal-o, tendo em vista o espectaculo da humanidade através dos tempos, é que é, a meu ver, erroneo.

Os governos existem por uma contingencia fatal, o que não implica que elles se modifiquem, lenta mas seguramente.

E' facto que elles, do modo por que se acham organizados, tentam prolongar seu predominio (isto em resultado de um principio de mecanica, estendido sabiamente por A. Comte á sociologia); mas não é menos verdade que o proprio homem, quando sente que o estado social não corresponde mais a seu espirito, reage, e o atira dentro da corrente do momento. O governo sobrenada, adapta-se á nova orientação e mantem-se. Porque? Porque elle é fatal, é inherente ao homem.

Assim sendo, na organização que substituir a actual, o homem tem positivamente de contar com o elemento —governo—, como contará sempre com a lei da gravitação universal.

PEDRO DO COUTTO

RESPOSTA AO DR. JOSÉ OITICICA

Eminente confrade:

Li com indizivel prazer a carta aberta que teve a bondade de dirigir-me, e não sei o que mais agradecer: se as expressões de carinho, as palavras excessivamente bondosas com que poz em destaque o meu obscuro nome, se as preciosissimas lições que me deu sobre a doutrina anarchista.

Da leitura que fiz, ha uns bons pares de annos, de Proudhon, Bakounine, Kropotkine, Eliseu Réclus, Jean Grave e Sebastião Faure, pareceu-me que esses grandes apostolos da nova ordem social, contrariando os pregadores do abominavel despotismo socialista, reduziam a moral applicada ás relações entre os homens a uma lei de amor, em contraposição á lei do respeito, que não se apoia senão na força, que não se impõe senão pelo temor do carcere ou da forca.

Mas o meu illustre confrade diz que não, affirmando que o anarchismo tem por fundamento a solidariedade e não o amor.

Qual seria então o movel dessa solidariedade? Só poderia ser o interesse, e elle mesmo o diz por outras palavras.

Nesse caso teriamos voltado á doutrina utilitaria de Bentham, Owen e James Mill, que, não admittindo nos homens nenhum movel desinteressado, concluem que elles só podem praticar o bem por interesse.

Outro ponto que me abalou profundamente, foi a affirmação categorica do illustre confrade — que o anarchismo condemna em absoluto a propriedade particular, como causa da miseria dos homens.

Esse, se me não engano, é o grande fundamento do socialismo, que pretende fazer da entidade abstracta — Estado — o unico proprietario.

Os partidarios de tal organização economica nunca se apresentaram, e nem podiam fazel-o, como anarchistas. São elles: Carlos Fourier, o inventor da *Harmonia universal* ou systema de phalansterios, Roberto Owen, que pretendeu reformar a sociedade por meio da educação racional, Etienne Cabet, o imitador de Thomaz Morus, e que, ao contrario de Owen, mantem a actual organização da familia, Luiz Blanc, o famoso membro do governo provisorio da republica de 48 em França, e os socialistas contemporaneos, todos partidarios dum communismo absoluto, realizado por meio do mais odiento despotismo.

Se é verdade, conforme sustenta o illustre confrade, que o anarchismo condemna tambem a propriedade privada e quer substituil-a pela propriedade commum, não vejo differença alguma entre elle e o socialismo.

Com effeito, annulada a propriedade particular, as terras e todos os bem existentes passarão a ser o patrimonio de todos. Terão naturalmente de ser cultivadas e, como não será permittida a propriedade particular, o producto do trabalho pertencerá tambem a todos e teremos assim cahido no systema communista, que eu condemno como o mais insuportavel dos despotismos.

Assim falando, poderá pensar o querido confrade que prego *pro domo*.

Mas, não. Tudo quanto tenho ganho nestes ultimos 30 annos desapparece nas mãos dos mais necessitados do que eu, e ainda hoje mantenho o mesmo costume que para mim não é uma segunda natureza, mas uma parte della, tanto mais que considero a ingratidão um incentivo para a pratica do bem.

Eu sustentei, no artigo analysado e combatido pelo brilhante confrade, que os homens, na sua maioria, são naturalmente máos. Será talvez difficil convencer-me do contrario.

Tenho para isso a prova da historia, que pode ser enganadora, e a prova da experiencia, que não vejo meios de destruir.

Thomaz Hobbes, o glorificador dos abjectos Stuarts e Tudors, sustentou a doutrina da maldade humana, nas sociedades primitivas, do *homo homini lupus*, e o estado permanente da guerra, *bellum omnium contra omnes*.

Será talvez a unica verdade do seu repulsivo systema.

Jean Jacques Rousseau, o generoso doutrinador da liberdade, que estabeleceu previamente o credo consolador, mas falso, da revolução franceza, sustentava, ao contrario do seu antecessor na Inglaterra, que os homens são naturalmente bons, e viviam felizes no estado selvagem; que a civilização é que os tornou desgraçados, porque os fez escravos.

E' possivel que elles fossem mais felizes no estado selvagem do que somos nós sob o jugo actual dos canalhocratas; mas que fossem bons e vivessem em paz, é o que não acredito, deante das pesquizas historicas e pre-historicas.

Em taes condições, confrontando o systema dos anarchistas com o dos socialistas, preferi aquelle que poderá, depois de longo apostolado, tornar o homem melhor e capaz de praticar o relativo sentimento de justiça necessario nas relações com os seus semelhantes.

Os anarchistas condemnam toda forma de governo e, comquanto pareçam cair no excesso contrario dos socialistas, que supprimem o individuo em favor duma abstracção, o Estado, são mais coherentes, mais dignos, mais razoaveis.

Não creio que os homens possam dispensar todo e qualquer governo, mas penso que se o anarchismo conseguir reduzir as funcções do Estado, já terá feito obra meritoria e realizado de algum modo as promessas falhas de todas as doutrinas reformadoras.

Antes de concluir, permitta o illustre confrade que replique tambem ao velho amigo Fabio Luz. Disse o estimado publicista que eu, não admittindo salvação possivel para a sociedade humana, prego o anniquilamento moral, faço bellas phrases e fico estagnado no meu scepticismo elegante e da moda.

E' uma triplice injustiça. Nunca fui elegante, nunca me preoccupei com a moda e nunca cruzei os braços deante das miserias dos homens.

Ao contrario, ha cerca de trinta annos não faço outra cousa senão tanger a lança de D. Quichote, não contra moinhos de vento, mas contra miserias reaes.

E por isso mesmo que julgo possivel melhorar a humanidade, é que applaudo e estimulo a obra dos anarchistas.

Sei que elles não poderão realizal-a por completo, porque nenhuma doutrina conseguirá impor-se integralmente.

Mas, se elles conseguirem reduzir ao minimo a influencia do poder social e elevar ao maximo a acção do individuo, terão feito pela humanidade o que nenhuma outra doutrina poude fazer até hoje.

Para isso será preciso fustigar sem treguas nem piedades as infamias dos dominadores, e incutir no espirito das massas a necessidade da associação e da solidariedade, não só por interesse, mas tambem por amor.

Isso mesmo comprehendeu o pontifice maximo do anarchismo, Kropotkine, que no seu magistral *Entr' Aide* foi buscar o exemplo de associação e solidariedade nos chamados animaes inferiores. Porque não foi buscal-o entre os homens? Porque está convencido, como eu, da superioridade dos outros animaes.

A não ser uma ou outra brejeirada de gato travesso, virando-me o tinteiro ou quebrando-me algum objecto necessario, nunca os chamados animaes inferiores, cuja sociedade tenho estudado e cada vez aprecio mais, me causaram o menor desgosto.

Dos homens não posso dizer o mesmo.

Se a maioria da humanidade fosse composta dos José Oiticica, Fabio Luz, que foi injusto para commigo (!), Orlando Lopes e outros que conheço, não em grande numero, a sociedade humana seria um paraiso. Tal como é, julgo-a muito abaixo da sociedade dos outros animaes. Preguemos, portanto, insistentemente e por toda a parte, as idéas anarchistas.

Quando ellas tiverem penetrado todas as camadas, é possivel que possamos prescindir de andar armados como os que têm necessidade de atravessar o Pinhal da Azambuja...

Creia-me o illustre confrade sempre amigo e admirador

SILVA MARQUES

CONTROVERSIA. — Na sexta-feira passada, o sr. José Elias da Silva, no Centro de Estudos Sociaes, respondeu á conferencia realizada ali pelo dr. Pedro do Coutto sobre o thema:—a noção de patria e o conceito de governo são inherentes ao homem?

Completamente cheio o salão do Centro, o sr. Manuel Campos, tomando a palavra, explicou que, após dois annos de existencia, agora é que o Centro de Estudos Sociaes começa a preencher os fins para que foi creado. Até aqui as discussões travadas em seu seio sobre questões sociaes têm sido debatidas entre anarchistas, de modo que propriamente não tem havido controversias. A conferencia do dr. Pedro do Coutto, porém, veiu abrir um novo periodo de fecundos debates entre homens de convicções oppostas, mas que estudam os problemas sociaes de um ponto de vista elevado. O sr. Elias da Silva ia responder ao dr. Pedro do Coutto, para o que lhe cedia a palavra.

O sr. José Elias da Silva, depois de um pequeno exordio, entrou no assumpto, sobre o qual discorreu brilhantemente durante mais de uma hora.

O anarchista, disse, não desconhece que o homem dedica affecto ao logar onde nasceu e á sociedade em que se educou e se fez homem. Esse affecto é um sentimento natural, mas é justamente desse sentimento que se aproveitam os dirigentes da sociedade para deturpal-o e manejal-o em proveito da minoria que vive da exploração das massas productoras, criando obrigações e deveres patrioticos, que absolutamente não resultam de necessidades sociaes a satisfazer.

Em outros tempos, elle acredita que o patriotismo correspondeu a uma necessidade de defeza de collectividades que se formavam e viviam em hostilidades com o exterior; hoje, porém, em que o homem em qualquer paiz civilizado se encontra bem, porque não ha grandes differenças de costumes, de crenças e de moralidade, limitar a patria por fronteiras territoriaes é abusar da fraternidade humana. O que é verdade é que dentro de uma mesma patria ha maior antagonismo de interesses, entre os seus filhos, do que entre estes e homens nascidos e creados em outras nações.

Sobre as affinidades entre os homens o sr. José Elias da Silva discorreu largamente, mostrando que não foi pelas affinidades naturaes que se constituiram as nacionalidades. O patriotismo é uma arma manejada pelos governos para terem os governados sempre em obediencia passiva.

Depois contesta a Pedro do Coutto a sua affirmação de que os anarchistas só se preoccupam com a questão economica. E' verdade que a questão economica é primordial, porque, sem a satisfação das necessidades do estomago, nenhuma outra necessidade será satisfeita. Mas, ao contrario, os anarchistas proclamam que não só de pão vive o homem.

Em seguida entra a tratar o conferencista da segunda parte do thema—o conceito do governo.

E' verdade que os homens não são eguaes, pois que se differençam pela intelligencia, pela moralidade, pelo sentimento, pela actividade e até physicamente. E' natural, portanto, que em qualquer collectividade humana haja homens mais esclarecidos que outros, que se imponham, que orientem, que guiem essa collectividade. Mas essa acção é muito diversa do conceito vulgar do governo.

O que vulgarmente se chama governo é um poder collocado acima da sociedade, é um apparelho que comprime pela violencia os homens a umas tantas obrigações. Ha o governo economico dos capitalistas apossados da terra e dos instrumentos de trabalho e apoiados pelo governo politico. Essas duas forças, de mãos dadas, escoradas nos apparelhos que constituem o Estado moderno, realmente commandam, realmente governam, mas esse commando, esse governo é imposto violentamente e não aceito livremente.

Ha, portanto, muita differença entre o livre accordo pregado pelos anarchistas e o governo imposto pela força material. No livre accordo a autoridade resulta de um concurso livre e se impõe por si, pela competencia; no Estado a autoridade é imposta violentamente. No primeiro caso não é propriamente uma autoridade, na accepção deste vocabulo, porque cessará de agir como tal desde o momento em que perder a confiança da collectividade em cujo seio ella se exerce.

E' impossivel dar, sequer, uma palida idéa da bella conferencia de Elias da Silva, nestas poucas linhas.

O dr. Pedro do Coutto a ouviu com a maxima attenção, e via-se no seu semblante que estava commovido. A conferencia de Elias da Silva lhe tocava no fundo do coração. Era um operario que falava em linguagem simples, mas que expunha não só o que aprendera em livros mas tambem o resultado de suas meditações sobre a organização social, sobre as relações do homem com a sociedade.

O sr. Elias da Silva foi muito applaudido. Seguiu-se-lhe com a palavra o sr. Leal Junior, que fez uma breve apreciação sobre a propaganda do anarchismo no Rio de Janeiro, que julga bem feita, nada inferior a que se faz em outros paizes. Vê aqui elementos collocados em outros campos virem ao seio dos anarchistas discutir theses sociaes, trocar idéas, debater doutrinas. Isto é uma prova de que a propaganda anarchista no Brazil está abrindo brecha na sociedade burgueza, de onde hão de sahir, como já têm sahido, propagandistas do novo credo.

Falou, por ultimo e o dr. Pedro do Coutto que precisou as suas ideias sobre a noção da patria e o conceito do governo. Durante a sua oração foram trocados muitos apartes é a que sempre respondia, ora demonstrando que a assistencia estava de accordo com elle, ora delles se aproveitando para discorrer sobre o assumpto.

Os debates se prolongaram até cerca de 11 horas da noite, sahindo todos satisfeitos e contentes pelo tom elevado em que sempre se mantiveram os debates.

A GUERRA

OPINIÕES, DOCUMENTOS E FACTOS

A conflagração européa, com os seus sangrentos doze mezes já passados, continúa a ser o facto supremo do momento. Ha um anno que o mundo todo vive sob uma pressão angustiosa e tremenda deante da tragedia inaudita. Quando acabará? Como acabará? Que veremos ainda? Que virá depois? São interrogações de incerteza, essas, que preoccupam cada vez mais o publico de toda a parte, numa dolorosa espectativa de assombro...

NA BARRICADA, registro palpitante das grandes questões sociaes da hora presente, não podia deixar de consagrar uma parte das suas columnas ao magno e estuante conflicto internacional. Ao em vez, porém, de apanhados mais ou menos fieis das operações militares, ou de chronicas estrategicas mais ou menos fantasistas, ou de predições diplomaticas e geographicas mais ou menos pretenciosas, preferimos dar acolhida aqui ás «opiniões» universaes caracteristicas e representativas, aos «documentos» de esclarecedora significação e aos «factos», pequenos ou grandes, mas de peso no balanço geral dos acontecimentos actuaes europeus.

—

MOÇÃO ANTI-GUERREIRA Ao fundar-se ultimamente, em Nictheroy, o Grupo de Propaganda Anarchista, entenderam os membros deste fazer publica a seguinte moção contra a guerra:

"Os componentes do Grupo de Propaganda Anarchista, organizado em Nictheroy a 22 de agosto de 1915, considerando:

Que a guerra actual, como todas as guerras modernas, tem como causas essenciaes o antagonismo de interesses commerciaes existentes entre as nações ora em luta, o patriotismo politico e convencional de fronteiras, que, de facto, não existem e o systema militarista da «paz armada»;

Que a organização da sociedade baseada, como ha sido até hoje, no principio da autoridade, tendo como fórma constitucional o Estado, necessariamente conterá e produzirá, de si mesma, os factores capitaes acima apontados como determinantes essenciaes da guerra;

Que as guerras, todas as guerras de nação para nação, resultam sempre em beneficio das classes capitalistas e governamentaes e sempre em prejuizo das classes trabalhadoras, do povo em geral, quer numa, quer noutra parte dos belligerantes; e que todas estas summarias razões, que a critica anarchista já fizera resaltar antes da guerra actual, continuam com a mesma força indestructivel de verdade provadissima;

Resolveu externar em publico a sua absoluta incompatibilidade com os guerreiros de qualquer dos bandos em peleja, e enviam a sua fraternal saudação de solidariedade aos camaradas de todo o mundo que se não deixaram cegar, na hora tragica deste desabar de crimes, pelo furioso odio pratriotico pretensamente defensor da civilização.

Viva a anarchia!"

—

O QUE A GUERRA CUSTA Á FRANÇA

Traduzido de «The Statist», de Londres, publicou, ha dias, o «Jornal do Commercio», um instructivo artigo sobre o custo da guerra á França e do qual destacamos este trecho inicial:

«Na quinta-feira passada, o ministro das Finanças da França, o sr. Ribot, pedio ao parlamento a approvação das despezas effectuadas, no trimestre que findou em setembro, na importancia de £ 237.609.000, que elevaram o total das despezas do governo, nos primeiros quatorze mezes de guerra— isto é, até setembro passado—a 24 bilhões de francos ou 960 milhões esterlinos.

Informou mais o ministro que nos primeiros cinco mezes, isto é, de dezembro passado, a despeza orçou numa media de L 53.600.000 mensalmente.

Calcula-se que durante toda a metade do anno corrente essa despeza subirá a L 66.600.000 por mez, emquanto as despezas a effectuar-se nos ultimos mezes abrangendo setembro proximo, está calculada em L 74.800.000, ou quasi 2 1/2 milhões esterlinos por dia».

Vê-se, por ahi, que as despezas de guerra augmentam, proporcionalmente, de mez para mez. Nos cinco primeiros mezes a media foi de L 53.600.000. Para o primeiro semestre deste anno calcula-se essa media em L 66.600.000, um augmento medio mensal, portanto, de..... L 13.000.000. Para a metade restante do anno calcula-se a media das despezas em L 74.800.000, augmentando mensalmente, com relação aos primeiros 6 mezes deste anno, de L 8.200.000 e com relação aos ultimos 5 mezes de 1914, os primeiros da guerra, de L 21.200.000.

O total das despezas eleva-se, nos primeiros 14 mezes de guerra, a 960 milhões de libras, só na França. Para fazermos uma idéa mais concreta disso, reduzamos esses 960 milhões de libras em moeda nossa, á razão de 20$000 por libra, para arredondar os algarismos. Temos:..... 960.000.000 × 20$ = 19.200.000:000$. Quer dizer: 19.200 mil contos de réis, em 14 mezes, o que vem a dar uma media de mais 45.500 contos por dia ou quasi 2 mil contos por hora...

E viva a civilização!

Expediente de "Na Barricada"

ASSIGNATURAS

PARA O BRAZIL

1 anno.................. 5$000
6 mezes................ 3$000

PARA O EXTERIOR

1 anno.................. 7$000
6 mezes................ 4$000

Numero avulso 100 rs. — Numero atrasado 200 rs.

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER DIA DO MEZ

Gerente - J. Gonçalves da Silva

Nota — Todas as importancias devem ser enviadas pelo correio, em vale postal ou carta registrada, ao gerente e para a Rua do Rosario, 170 - sobrado.

Agentes — Acceitam-se agentes nas capitaes e cidades do interior, concedendo-se-lhes 25 o/o de commissão, correndo por conta da administracção todos os gastos da remessa e devolução de exemplares. Liquidação mensal.

Dirigir-se a J. Gonçalves da Silva, á rua do Rosario, 170.

NOTA Á MARGEM

«A civilização, que tudo melhora, atrazou o homem quanto aos sentimentos! Que bello paradoxo sociologico!», escreveu Pedro do Couto no seu ultimo artigo.

No artigo anterior o valente polemista havia já affirmado que *«tem interesse por essa sociedade em fallencia»*.

Se a civilização tudo melhora, como poude tornar uma e *fállida* a sociedade actual, que é sua obra? *A sociedade moderna*, na phrase do illustrado homem de letras, *é instrumento dos appetites grosseiros* de meia duzia de *habeis*. O paradoxo sociologico, portanto, é do meu contradictor tambem; não é meu só; é de todos os que estudam.

A sociedade, como está organizada, de effeito que era, tornou-se causa; consequencia da corrupção dos costumes, do deturpamento, das virtudes e do predominio da cultura exclusiva da intelligencia, com menospreço do sentimento, tornou-se a geratriz de todos os vicios, de todas as degradações, de que são oriundos o alcoolismo, e homo-sexualismo, morphinomania, a miseria organica, a loucura, a epilepsia, etc.

Desde as civilizações antigas, que vieram gerando a actual, ora em rapidos progressos, ora em retrocessos e quedas na barbaria, houve sempre a luta entre a cultura da intelligencia e a cultura do sentimento, verificando-se que a cultura da intelligencia veiu sobrepujando a do sentimento, exaltando-se nas grandes descobertas, absorvendo todas as aptidões, recalcando as revoltas da outra parte. Houve constantes erupções de exaltamento do sentimento, levada ao excesso a vindicta, trazendo o retardamento das descobertas scientificas, os periodos de analphabetismo ou decadencia das letras.

As predominancias religiosas, as lutas pela fé, o obscurantismo, que se seguiram ao desmoronar das civilizações requintadas, provam essa tendencia irreprimivel para o aperfeiçoamento moral e sentimental do homem, a par do seu aperfeiçoamento intellectual, em busca da felicidade.

Desde a civilização babylonica, até nossos dias, se vem registrando essa luta, que ha de terminar por um accordo. A Grecia viu desapparecer sua intensa civilização, quando se deram o deturpamento e a licença dos seus costumes, batidos pelas austeridades guerreiras de Roma. Roma decahiu quando os vencidos a venceram, corrompendo-a, invadindo-a com suas religiões decadentes, até chegar ao byzantinismo.

Entretanto a parte de cultura intellectual, mais ou menos intacta, foi sendo sempre ampliada, e a parte moral, fundamente attingida, cicatrizados os ferimentos, reconstituiu-se lentamente e de novo foi formar codices religiosos, que representam a parte do sentimento.

Quando o christianismo puro dominou a civilização, trouxe comsigo o predominio exaggerado do sentimento, e a cultura da intelligencia soffreu um grande retardamento. Depois, caldeada com outras religiões e outros mythos, quebrada a inflexibilidade de suas praxes e doutrinas, recomeçou o dominio da intelligencia, que se superpõe a tudo, hoje, e, por querer dominar sosinho, produz a *fallencia* da sociedade moderna.

A sociedade futura ha de ser o accordo bem combinado da cultura scientifica e literaria com a cultura moral e do sentimento. A fallencia da sociedade moderna está exactamente no desaccordo dessas duas tendencias, e no industrialismo delle decorrente, em que a theoria da selecção natural foi applicada ferozmente á sociologia, e de uma lei natural de vida organica e melhoria das especies, se fez lemma de conquista e broquel de assalto.

Para provar suas asserções de que o homem é máo, o destemido publicista insiste em affirmar que o primeiro movimento de quem assiste a uma quéda ou a um desastre pessoal é o da risota.

Isso é verdade, quando se trata de um escorrego no asphalto da Avenida, ou de uma topada no resalto do calçamento. Mas, ergunto a Pedro do Coutto se elle rirá vendo cahir de um andaime, a 8 ou 10 metros acima do solo, um trabalhador; se rirá assistindo á quéda de um transeunte sob as rodas de uma locomotiva ou impellido pelos estribos de um tramway?

Não será instinctivo seu movimento de evitar o desastre; não será seu sentimento o de commiseração para com a dor do seu semelhante?

Virá depois seu desgosto sceptico e philosophico, devido á sua cultura intellectual, quando verificar que teve intenção de soccorrer o representante do povo donde vieram seus ancestres e sua adiposidade.

FABIO LUZ.

4 de Setembro de 1915

A Cruz branca

O Brazil é o unico paiz da terra onde se morre de sêde; em compensação é o unico em que nãose morre de fome, conforme se deprehende da farta distribuição do xarque, na ilha das Flores, feita pelas mãos esmaltadas das damas ultra elegantes da Cruz Branca.

O providencial e justissimo flagello do Nordeste, que, de dez em dez annos, como manchas do Sol, apparece no esplendor do nosso progresso republicano, fez surgir duas castas de gente que já faziam falta ás notas sociaes da grande imprensa: os flagellados, curiosa manada de malandros hydrophobos e as matronas sentimentaes que formam o escól das reclames na prestigiosa conscripção da Cruz Branca.

Os flagellados, a exemplo dos camellos, ou antes, para desmoralizar os dromedarios, esqueceram de beber o rio Jaguaribe, que seccou por não ter utilidade, mas fizeram correr rios de tinta, que estancaram a sêde de piedade dos nossos jornalistas. A Cruz Branca, um pouco peior que os inglezes no Ganges, — sabios administradores da fome indiana! — prescreveu definitivamente a chuva no Nordéste, para ter o direito de alimentar em campos de concentração toda a miseria nortista que surgiu á hora.

O ardor caritativo das damas brancas, que tão aleivosamente vão provocar a fallencia da irmã Paula, merece ficar gravado no coração da patria, como a nota mais commovente de quantas já vibraram no concerto universal das nossas glorias femininas.

Ao passo que, na Europa ensanguentada, as mães e as esposas dos heróes lavam com suas lagrimas as chagas dos que voltam da frente, aqui as mulheres, magras e feias, saqueiam as nossas algibeiras, na Avenida e, para darem de troco os sobejos dos armazens aos indolentes que no sertão abrazado adoravam o padre Cicero e devastavam as florestas e as fontes de toda a vida natural.

Ha sangue pela Europa? E' precizo que haja fome e sêde aqui. Pois que? As mulheres francezas têm uma cruz onde se alistem? Nós tambem devemos ter outra. Vermelha? Não, porque o brazileiro é cobarde. Branca, côr anodyna e *chic*, mais de accordo com o sangue das nossas faces e mãos das damas de Botafogo.

Brava gente! Com que tacto e gosto farejaram e manejam a secca do Ceará! e com que amor falam nos areiaes do Sahara! Será crivel que as negras do Sudão não tenham tambem uma Cruz Preta para soccorrer os flagellados do Sahara, onde não chove nunca? Raça atrazada e sem civilização! Deixam morrer nos areiaes da Lybia os cearenses de lá! Mas nós, brazileiros! a mulher brazileira! nós temos a Cruz Branca! nós somos melhores que a natureza madrasta do sertanejo, somos a agua e o pão, somos a roupa e a hospedaria de immigrantes.

Ora, a piedade é o mais elegante dos *frissons* nesta epoca de grandes calamidades; exploremos a piedade, que o jornalismo nos applaude.

Em vez, por exemplo, de concordar com a natureza e estimular os homens; em vez de achar que as seccas são inevitaveis em regiões onde o homem é fanatico, politico, ocioso e fatalista; em vez de pregar o trabalho, a irrigação, o dreno, o açude, a repreza, a florestação; em vez disso, funda-se uma Cruz Branca, dizem-se coisas sentimentaes, tomam-se uns chás em *kermesse* e aproveitam-se as reuniões para casar as filhas, discutir virgindades impertinentes e distribuir os saldos das festas com tantas e taes centenas de miseraveis, mandados trazer em navios negreiros, especialmente para commover a imbecilidade nacional. E' a piedade, a caridade, a misericordia, é tudo quanto serve ao Arcoverde e aos ventrudos labregos das congregações.

O flagello é novissimo e este fica para sempre. Para a secca, um dia de chuva inunda os valles, mas, para a Cruz Branca, só outra vermelha, só uma guerra, ou nunca mais nos livraremos della, exactamente como nunca nos livraremos dessa miraculosa Repartição de Obras Contra a Secca o que aboliu as chuvas no Nordeste. Faz até pensar que a Cruz Branca é a filial daquella.

Admittindo a hypothese de um diluvio no Ceará, a Cruz Branca continuará a fazer a sua lavoura secca nas nossas economias. E a miseria continúa sob o symbolo ignominioso dessa nova cruz.

E é justo, justo como flagello e como todos os flagellos. Aliás, para não ser parcial, eu, que sou o defensor e o campeão de todas as catastrophes, devo declarar que sinto muito que a secca afflija honradamente apenas uma pequena faixa do sertão do norte, quando o resto do paiz nada em radiosa prosperidade, excepção feita dos lares domesticos onde reina a concordia das incompatibilidades de genio e de sexo.

Verdade é que a Cruz Branca acabará por promover alguns adulterios e estancará a sêde de amor de algumas romanticas, adolescentes de 30 annos, cujos maridos, vilmente burguezes, ainda não possuem automoveis. Mas, voltando aos nossos energicos retirantes do norte, eu desejaria felicital-os por essa conquista da Cruz Branca, que confraternizou commovedoramente todas as dispersões dos nossos israelitas e as gentes que mais se ignoravam entre os povos da terra, isto é: os elegantes cariocas e elles, os bérberes d'além S. Francisco. Aberto o caminho para as terras do Rio, venham elles, em formações compactas, para o conforto da Cruz Branca, integralizando a grande patria onde ainda se morre de sêde. Aqui, na capital, a vida é facil e *chic*: ha dinheiro, ha compaixão, ha jornaes que reclamam contra a Natureza, ha o Instituto Historico e Geographico, ha o congresso votando a felicidade social, ha cinemas educando as donzellas, ha um cardeal em preces pelo amor entre os homens, ha couraçados de 20.000 toneladas e, como faltasse uma moldura ao quadro magnificente, tem agora a Cruz Branca... Quem, pois, não desejará ser flagellado? E' um grande negocio.

Apenas um ou outro matuto sceptico perguntará ás damas brancas: Porque é que o nosso deus arranja tão espantosas catastrophes no nórte? Será para nos convencer de que as senhoras são realmente caritativas?

Pode ser; a escripta de deus é hieroglyphica; nella se lê tudo quanto a estupidez preciza, mas não tem essa significação mundana. De facto, na organização dos flagellos, o deus do amor, o divertido fabricante da trotyl e do 420, socio honorario da Santa Casa de Misericordia e accionista do Reichbank, deus, afinal, tem provado o seguinte: 1º — que o povo brazileiro occupa indevidamente, por erro das migrações, as terras mais humidas e quentes da Terra; 2º — que, por malandragem, falta de caracter e abuso de pouca vergonha, adoptou a religião catholica e fundou a republica; 3º — que, pela foice, pelo incendio, pelo suffragio universal, pelo jornalismo e pelas modas parisienses seccou os rios e aggravou a tarifa das importações; 4º — que, por seu incuravel patriotismo, devastou o Paraguay, saqueou os cofres de Rotschild e é candidato a morrer de fome; 5º — que, provisoriamente, a secca é uma advertencia ao norte e as emissões outra advertencia ao sul do paiz; 6º — que o café paulista é peior que a conflagração européa; 7º — que, finalmente, a fundação da Cruz Branca corresponde á necessidade inadiavel do ultimo flagello pelo adormecimento e a gangrena da piedade feminina ás possiveis energias de uma nação irrevogavelmente e elegantemente destinada a ser colonia do Sahara

DOMINGOS RIBEIRO FILHO

185

Centro Turfista

Vendem-se apostas para corridas «pari-a-la-côte» accumulações, bettings e bolos, etc

SERVIÇO RAPIDO PELO TELEPHONE

Rua do Ouvidor, 185

PELOS THEATROS

Autores ?

Logo que aqui se estabeleceu o theatro por sessões, começaram a apparecer autores que, segundo parece, escreviam uma peça por dia; pois, percorriam todos os theatros e, em cada um, deixavam uma *producção*, levando as restantes para a sua residencia... afim de esperar que novos theatros se construissem.

As peças entregues, geralmente, pertenciam ao genero revista e pareciam-se umas com as outras, taes eram os assumptos e typos abordados: — *um soldado boçal, uma mulata dengosa, um typo de «Zé povinho» portuguez*, etc., empregando dialogos que feriam os ouvidos dos espectadores mas que, apesar disso, esses mesmos espectadores riam e applaudiam.

E, assim da noite para o dia, surgiram tantos *escriptores* como espectadores. Os *autores*, que viam as suas peças representadas, vangloriavam-se com o seu *talento*, com os applausos da platéa estupefacta ante o genio e... ficavam *cheios de si*. Os que nunca conseguiram ver uma *producção* em scena, ralavam-se e diziam com os seus botões, que não se pode ter talento nesta terra, que não se dá valor a quem o tem e que o escriptor no Brazil... morre de fome.

Passaram-se os tempos. Os theatros, apesar dos talentos dos geniaes escriptores, foram pouco a pouco abandonados pelo publico, cançado de *tanta arte*. E, agora, se passarmos em revista todas essas peças, uma coisa verificaremos: — Todas ellas foram verdadeiras «peças» pregadas ao povo. Em logar de contribuirem para a sua educação artistica, contribuiram para lh'a estragarem, e, por isso, se hoje lhe derem uma peça em toda a extensão da palavra, esse mesmo povo lá não irá, porque julga ir assistir ás mesmas bambochatas que de ha trez annos a esta parte lhe têm dado, apenas com a differença de titulos.

E assim continuamos a perguntar: — Haverá alguma coisa que se pareça com theatro, como deve ser encarado sob o ponto de vista social e aos fins a que se destina?

Respondam-nos os talentosos *escriptores* theatraes que se pavoneiam através desta capital.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO. — *A Sabina*, «original» do sr. J. Brito. — E' uma revista a mais, com scenas e typos identicos ás que costumamos ver nos theatros. E' emfim uma nova *panacéa* igual ás outras, despida do bom senso e onde a arte é representada pelos numeros de *cabarets* que o seu autor soube colleccionar. Se o publico applaudiu a nova producção do *autor* do *Banho de Venus*, é porque os scenographos e *coutumiéres* trabalharam para isso.

Quanto ao desempenho?.. Que pódem fazer os artistas diante de taes *xaropadas*?

Acompanhar apenas os seus autores, colleccionando «piadas»» de «baixo-calão», para... fazerem rir os que ainda se atrevem a se encostar á portinhola da bilheteria...

APOLLO. — Nada de novidede. Apenas as peças genero opereta a que temos assistido em varios idiomas.

Não recommendamos este theatro ao publico, porque os preços são exageradissimos para a situação economica que atravessamos.

S. PEDRO. — Deu-nos como novidade *A Espada de Honra*, peça militar. Diremos sobre a mesma no proximo numero.

S. JOSE'. — Emquanto ensaia as novas peças, continua a passar em revista as velharias. Mas, breve teremos neste theatro, espectaculos de verdade, e, talvez á hora que circular *Na Barricada* já as tenhamos em scena.

PATHE'. — Representou na semana passada *Um velho amigo*, comedia de Eduardo Garrido. Apesar de velha e conhecida, agradou ao publico, porque é uma peça honesta, embora o seu autor, ao escrevêl-a, tivesse sómente em mira — fazer rir.

Para hontem estava annunciada peça nova. Falaremos depois sobre a mesma.

TRIANON. — *A Madrinha de Charley* foi que figurou no cartaz na semana passada. E' uma comedia muito conhecida e por isso nada dizemos. Mas o desempenho artistico esteve á altura do seu elenco.

Na segunda-feira realizou neste theatro o seu festival artistico o actor Carlos Abreu. Foi uma festa de arte. Sobre o valor das 3 peças do sr. João do Rio, diremos a nossa opinião no proximo numero, assim como sobre o desempenho das mesmas.

TITO ALVES

Devaneios pungentes...

Acceito pressuroso o gentilissimo papello para traçar estas linhas, que se destinam ao valente orgam recem-surgido na arena do periodismo carioca.

Não o faria, certamente, se tivesse de attender ao estado do meu espirito ou a oxidação de minha penna obscura.

Ha, porém, um resto de palpitações no coração que estala em face de escombros...

Não se aquieta de vez a vaga que aprendeu um dia, no torvelinho das aguas insubmissas, a empolgante symphonia das tempestades.

A' parte a apparente barreira de principios, eu tenho e professo com o campeão intemerato que se entrincheirou NA BARRICADA, a forte solidariedade dos espiritos que fraternizam na santa causa commum das questões sociaes, tendo por alevantado escopo o arrimo dos que soffrem, ou o amparo daquelles que são, em todos os tempos, as victimas secrificadas do egoismo e da intolerancia.

Todo momento é opportuno e todo combate é homogeneo, quando o gladiador plaina superior e intangivel no largo espaço de idealização em que cada sonho enfrenta um quadro de agonias e cada pensamento um mundo infinito de miserias ou de podridões moraes..

Puritanamente democratas ou precocemente afundadas no seio da *reacção pela reacção, talvez para a organização*, uns já batidos pelo frio glacial das decepções, a observar a sociedade decrepita, tarada por todos os vicios—, outros—com o ponto de vista de que o homem é instinctivamente máo e organicamente perverso, — reeditando de *Hobbes* o errado lemma do *bellum omnium contra omnes*, ou do realista francez, a irreverente psychologia do *il y a lá toujours de la bête fauve*, o certo é que somos todos pregoeiros infatigaveis da doutrina transcendental e nobilitadora que se vivifica no amor da liberdade e no sentimento da justiça.

Congregados nos mesmos arraiaes ou curtindo dispersos a magoa de ver homens e governos norteando-se pelas mais ignobeis preoccupações de ordem material, a deliciarem-se com a sociedade da riqueza e do poder, — presos ao pabulo da estulta vaidade ou da criminosa cobiça, resta-nos o consolo supremo de constituir o pequeno pugillo dos que protestam sempre, mesmo sentindo as asperidades da vida, submettidos ao despeito incoercivel dos grotescos dominadores.

Afastados do quinhão de nossas responsabilidades em periodos tristissimos da curta historia do novo regimen, pódem percorrer os archivos da imprensa, as chronicas dos comicios, as lutas das assembléas ou os proprios annaes do parlamento e ahi hão de verificar que somos o discolo perenne do diagramma que pontua a obra satanica dos máos governos.

Elles têm opprimido o povo, desbaratado o erario publico, coberto de opprobio a honra nacional, reduzido a patria á equação negativa da existencia de uma nacionalidade dentro de suas fronteiras!

Tudo têm arrancado da longanimidade e da resignação de vinte milhões de victimas algemadas ao imperio de todos os desatinos!

Todo esse desmoronamento, porém, inilludivel e tragico, se ha operado sob a atoarda ininterrompida destes poucos patriotas que não desfallecem nunca e cujos devaneios poderão um dia, quem sabe, penetrar e revolver a extranha caverna em que se acouta o feroz banditismo, em todo o fulgor do seu poderio e segurança.

Sampaio Ferraz

Congresso Internacional pró-Paz

Muitos são os que, scepticos e pretensamente realistas, pouca ou nenhuma importancia dão á idéa de um congresso de operarios, em paiz neutro, em favor da paz, contra a matança européa.

A guerra, effectivamente, terminará uma vez só, e essa em consequencia de conciliabulos diplomaticos e governamentaes. Mas não é menos verdade que ella se prolongará por tanto mais tempo quanto menos opposição encontrar não sómente nos paizes em luta, como tambem nos paizes neutraes.

E não nos venham dizer que o gritar na rua — *abaixo a guerra!* nada adianta, porque a guerra continúa. E' um engano. A guerra continuará, sim. Mas quanto mais gritos de — *abaixo a guerra!* ouvirem os promotores da mesma, mais depressa tratarão de lhe pôr termo. A idéa é uma força: é um conceito concluido da observação de relações continuadas entre uma serie de factos. E', pois, um desejo de influir nessas relações. Ora, a manifestação de um desejo já é meia conquista da coisa desejada.

Abaixo, pois, a guerra! Viva a paz! E tenhamos confiança na obra do proximo congresso internacional convocado pela C. O. B. Elle será a affirmação de uma idéa, a manifestação de um desejo, a meia conquista da paz almejada.

Ante-hontem, a convite da commissão organizadora, reuniram-se as directorias das associações operarias desta cidade, tomando deliberações e accordos referentes ao próximo Congresso Internacional da Paz.

A commissão tem recebido novas adhesões do interior do Brazil e do estrangeiro.

O MAGISTERIO PRIMARIO E AS QUINTAS-FEIRAS

O augmento das materias do ensino primario, o desenvolvimento dado aos programmas das escolas primarias de letras, exigiam o augmento do tempo lectivo, para que não ficasse preso ao curso das primeiras letras, sem completal-o, durante mais tempo do que lhe permittia a carencia de meios de subsistencia, o filho do proletario. Ora, em quatro horas diarias, isto é, em vinte horas por semana, excluidas as quintas-feiras, não era possivel completar o ensino, sobrecarregado de noções, embora elementares, necessarias á vida e ao desenvolvimento das creanças. Pedia-se, pois, o augmento do tempo lectivo, fazendo-se o serviço escolar durante cinco horas, com intervallo de meia hora para recreio e merenda.

Os sabios legisladores municipaes ouviram cantar o gallo e decretaram o augmento de mais uma hora por dia e a suppressão das quintas-feiras consideradas dias de descanso. Augmentaram por tanto dez horas de trabalho por semana, quarenta horas por mez e trezentos e sessenta horas por anno-escolar, isto é, setenta e dois dias, ou cerca de dois mezes e meio.

Isto occasiona serios desarranjos ao serviço escolar.

Não ha mais tempo para o professor fazer compras de objectos do expediente escolar, pois que, nos domingos e dias feriados, o commercio não abre suas portas. Para tratar de seus interesses, não tem o professor outro dia além do do pagamento.

A escripturação escolar tem que ser feita depois da hora regimental, na propria escola, pois que não é permittido transportar para a residencia particular os livros da escola. Para o asseio da escola, para lavagem das salas de classe, os serventes são obrigados a trabalhar aos domingos, não tendo nem essa folga.

As recapitulações, as correcções de cadernos de classe têm de ser feitas ao «jour-le-jour», pois que os domingos são destinados a um pouco de arejamento nos passeios, dedicados ás visitas, aos parentes, á familia. Os professores que têm encargos de familia, só se podem com ellas occupar nas rapidas horas da tarde, pois que as horas da manhã são destinadas ao preparo das lições. A quinta-feira, tida como dia de repouso, será um dia de variação de trabalho, variedade que predisporá o espirito para a volta alegre ao rameram da classe.

Esse dia, as mães professoras empregarão na revista das roupinhas dos filhos, no cuidado da do marido, no concerto de seus proprios vestidos, nas compras de objectos necessarios á familia e á escola. Os professores disporão e despacharão sua correspondencia, tratarão de seus negocios, de seus interesses, de seus direitos, indo no Almoxarifado da Instrucção apressar fornecimentos de pedidos; irão á Directoria Geral á procura dos seus inspectores escolares, cuidando de assumptos referentes aos interesses do ensino: estarão, ainda assim, no exercicio de suas funcções.

As creanças, depois da folga semanal da quinta-feira, voltam com maior alegria á escola, com uma dóse maior de oxigenio no sangue e maior dosagem de boa vontade para o estudo, tendo passado o dia em passeios ou pondo em ordem seus livros, seus cadernos, suas idéas, arrumando melhor na cabeça a aprendizagem feita.

Suppuzeram os legisladores que os professores já haviam resolvido o problema do motu-continuo, e que, dado o primeiro impulso, a machina funccionaria sem gastos, sem reforma de combustivel, sem estragos na entrosagem: era só trabalhar ou, aberta a torneira, deixar correr a agua até exgottar o reservatorio. Não cogitaram jamais dos progressos do ensino, das novas orientações que é necessario conhecer, da remodelação, da reforma dos conhecimentos, muitas vezes substituidos por outros novos e melhores.

Que tempo fica ao professor para acompanhar os estudos, cada vez mais serios, de puericultura, em todas as suas modalidades, desde a pedalogia até os casos de hygiene ocular nos escolasticos?

Depois de cinco horas de occupação na classe, depois da correcção dos trabalhos, do preparo das lições do dia seguinte, descontadas as horas da alimentação e as empregadas nos cuidados corporaes e das vestes, bem como as de repouso e somno, que tempo restará para estudos que os ponham ao corrente do movimento geral das idéas e do que se refere ao seu ministerio?

A volta do descanso ás quinta-feiras se impõe.

TERRA LIVRE — Com este titulo, foi fundado em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, um semanario, orgão da Federação Operaria, daquella cidade.

Ao novel collega agradecemos a remessa dos dois primeiros numeros e lhe auguramos uma longa e fecunda existencia.

A correspondencia para *Terra Livre* deve ser dirigida para a Casa dos Trabalhadores. Pelotas.

Rio Grande do Sul. Brazil.

USINA DE SÃO GONÇALO. Publicamos em outro local um annuncio dos productos deste importante estabelecimento do commendador Gregorio Garcia Seabra.

Pelos amostras que gentilmente enviou a esta redacção, podemos affirmar que realmente os productos da Usina de São Gonçalo são de primeira ordem.

Agradecemos ao operoso industrial as saborosas amostras que nos enviou e que foram devoradas pela rapaziada cá de casa.

CHRONICA INTERNACIONAL

A execução do ex-inspector de policia Becker, em principios do mez passado, recorda o celebre escandalo Rosenthal, occorrido em agosto de 1912, que poz a descoberto toda a podridão da policia neo-yorkina.

Hermann Rosenthal, jogador conhecido, foi assassinado por quatro capangas, a mando do então inspector de policia Becker.

O inquerito a que se procedeu, demonstrou que as casas de jogo de Nova-York destinavam verbas fabulosas á policia, e que o suborno desta era um habito antigo e inveterado.

O general Bingham, que exerceu em 1909 um alto cargo na policia de Nova-York, affirmou, entre outras cousas sensacionaes, que havia recebido a offerta de Rs. 800:000$000 á vista e Rs...... 2:000$000 por mez, para simplesmente apertar as mãos do dono de uma casa de jogo, em publico!

No caso de que tratamos, Rosenthal installou o club de jogo com dinheiro que recebera de Becker. Montado o estabelecimento, promptas as roletas e outros apetrechos, foi a casa varejada por Becker. O plano deste era salientar-se entre os companheiros, pois já se tornara popular por ter salvo diversas pessôas prestes a se afogarem, tendo sido averiguado mais tarde que um dos «naufragos» era nadador profissional, que simulou afogar-se, a pedido de Becker e mediante uma certa quantia, para depois ser «salvo» pelo «heroico» policial. Foi assim que conseguiu destacar-se na policia, e chegar ao posto de inspector.

Voltando ao fio da conversa: Rosenthal ficou tão indignado com o assalto da policia, que denunciou o caso aos jornaes, provando que o Becker era o seu socio e que recebia todas as semanas uma certa porcentagem dos lucros apurados. Rosenthal deixou transparecer o seu receio de que seria «liquidado» pela policia, antes de concluir o seu depoimento á promotoria publica. E não foi infundado o seu presentimento. Alta noite, ao sahir de um hotel, foi elle atacado por quatro homens, e morto a tiros de revolver. Os capangas, presos mais tarde, confessaram que haviam commettido o crime a mando de Becker.

No correr do inquerito surgiram outras revelações escandalosas, demonstrando que os methodos de Becker eram praticados systematicamente pela maioria dos officiaes de policia da cidade de Nova-York.

Os processos de Becker e seus companheiros são empregados em todos os paizes. O Brazil, que faz questão de figurar no rol dos paizes adiantados, tambem os conhece, pois é notorio que os nossos supplentes, embóra agindo em menor escala, extorquem dinheiro dos donos das casas de jogo do bicho e das espeluncas baratas. As casas do jogo grando, os clubs chics, esses são «garantidos» pelos "honrados" pais da patria.

E pensar-se que a missão da policia é manter a ordem publica e moralizar os costumes...

—

O ultimo numero do *Freedom*, de Londres, traz uma carta muito interessante de um anarchista allemão, internado num campo de concentração inglez.

A vida dos internados não é de todo desprezivel; a alimentação é boa, o tratamento regular, a liberdade de acção illimitada... dentro dos limites do arame farpado.

O que mais agradou ao missivista foi encontrar-se com diversos companheiros de idéas, entre elles o infatigavel Rocker, redactor ha mais de 12 annos do hebdomadario anarchista "O Amigo do trabalhador", de Londres.

Rocker não perde tempo. Organizou uma serie de conferencias, e vai fazendo a sua propaganda entre os interessados. E não pensem os leitores que elle ou os outros prisioneiros se preoccupam com as operações militares ou com o desfecho da guerra. São cousas que nem lhes interessam, como se poderá ver dos themas de algumas das conferencias realizadas por Rocker perante um auditorio de 2.000 prisioneiros, a saber:

"Kropotikne, o homem", "As obras de Kropotkine", "Edgar Allan Poe", "Tolstoi, o homem e o artista", "Maeterlinck e o mysticismo moderno", etc.

Homem convicto das suas ideias, activo, sempre optimista, a despeito dos longos annos de lutas e privações que lhe pesam sobre os hombros, Rocker não podia recolher-se á inercia, agora que tem a honra de ser hospedado pelas autoridades inglezas. Dos dois mil e tantos prisioneiros que lhe fazem companhia, poucos serão os que conhecem verdadeiramente as idéas anarchistas, e Rocker julgou — muito acertadamente — que o terreno era favoravel, e que podia ser lavrado pela sua palavra enthusiasmada e convincente.

Esperamos que a semente lançada pelo inquebrantavel propagandista dê fructos, para termos em breve mais dois mil prisioneiros de um ideal que viza uma sociedade mais humana, em que os differentes povos do mundo não serão separados por fronteiras ou pelo falso conceito de patria, não havendo portanto possibilidade da repetição da terrivel carnificina que ora ensanguenta a Europa, em que milhões de homens se matam e se atrophiam estupidamente, em beneficio dos piratas, da casta governante.

MYER

O Proletariado Militante

A questão dos chauffeurs

Envenenado o espirito do povo pela imprensa mercenaria e criminosa, que apoz o primeiro desastre de automovel encetou uma campanha de descredito contra os «chauffeurs», apontando-os aos olhos de todos como bandidos e assassinos da peior especie; creada que foi essa atmosfera de odio, inoculado no coraçã do povo por doses, tantas vezes repetidas quantos os desastres occorridos nesta capital, era natural que aos «chauffeurs» estivesse reservado um futuro muito triste, cheio de contrariedades e amarguras, e em que a sua vida como profissionaes se tornasse dificil e até mesmo impossivel. Nã admira pois o que vem succedendo a esta classe; o que admira é que coisas peiores não lhe tenham acontecido, dado o estado de animo a que o povo foi conduzido pelas falsas apreciações de uma imprensa sem escrupulos e sem vergonha. Foi a imprensa que classificou os motoristas de campeões da morte, pondo esta palavra até na bocca das creanças que a repetem sempre que perto dellas passa um «chauffeur»; foi ella que chegou a incitar o povo a organisar sociedades secretas, com o fim exclusivo de eliminar os «chauffeurs» do convivio social, como se fossem feras indignas de viver entre os homens; e é ainda á sua perniciosa influencia que se devem factos dolorosos como esse que ha bem pouco tempo se deu na floresta, e em que um pobre «chauffeur» foi barbaramente assassinado, por haver atropelado um ebrio que se lhe pôz na frente do automovel, impossibilitando-o por completo de evitar o desastre.

Obedecendo ao natural instincto de conservaçã, o «chauffeur» abandonou o automovel e fugio para se pôr a salvo de uma multidã bestialisada que o perseguia aos gritos de péga e lincha, e na occasiã em que o infeliz saltava um muro, um individuo, sem saber do que se tratava porque não teve tempo para isso, alveja-o como quem alveja um coelho, fazendo-o cair por terra varado com uma bala, que pouco tempo depois lhe arrebatava a vida para sempre.

Este homem, melhor dizendo, esta besta, não é responsavel pelo acto hediondo e repelente que praticou, assassinando um chefe de familia que nenhum mal lhe havia feito e que nem sequer conhecia. A responsabilidade d'este caso e de muitos outros igualmente lamentaveis, cabe inteiramente aos traficantes da imprensa, que exploram com a credulidade de um povo ignorante, tornando-o ainda mais ignorante e predispondo-o para todas as infamias que infelicitam o genero humano.

Esta selvageria não tem para nós explicação alguma, deixando de admittir como unico factor determinante, a propaganda criminosamente feita pela imprensa contra os «chauffeurs».

Nós estamos certos que o assassino, ao disparar a arma homicida, vio apenas que se tratava de um «chauffeur» e, matando-o, julgou certamente praticar a acção mais bella da vida, porque, no seu conceito, era menos um campeão da morte que deixava de affligir a humanidade.

Não podia ser outro o juizo feito por esse selvagem, que infelizmente não se encontra só: existem muitos milhares de homens nesta capital que pensam da mesma forma, e que seriam capazes de matar a tiro todos os "chauffeurs" do Rio de Janeiro, se houvesse quem lhes garantisse a impunidade. Elles não sabem, por que nunca lhe disseram, que em todas as capitaes do mundo ha desastres de automoveis; e se nesta os ha em maior numero, é devido á natureza dos seus habitantes, uma grande parte dos quaes são indolentes por condição natural, emquanto outra parte é constituida por immigrantes que sempre viveram em aldeias sertanejas, onde não ha outro vehiculo alem do carro de bois, e que vêm ao Rio de Janeiro vêr, pela primeira vez na sua vida, carros electricos e automoveis.

Com um povo d'esta ordem não é possivel deixar de haver muitos desastres, ainda que a profissão de "chauffeur" fosse exercida pelos srs. da imprensa ou mesmo pelos melhores santos da côrte celestial.

Continuaremos.

M. COELHO.

NÃO MAIS ILLUSÕES!...

Cada vez mais se accentúa a grande verdade que disse Letourneau: «a semente da revolta está lançada na athmosphera da época».

Com effeito, nós vemos que o descontentamento é geral, que de todos os peitos irrompem imprecações fulminantes contra esses arcabouços de poderes centralisados constituidos por infimas minorias açambarcadoras de privilegios.

Vemos ainda que os écos dessas imprecações se vão dia a dia consolidando em fortes correntes revolucionarias tendentes a irmanar os individuos por um mesmo anceio, por uma mesma aspiraçã.

Por conseguinte, essa athmosphera de pezadas incertezas, esse fremir de revolta que se nota em todos os ambitos, nos vem demonstrar nitidamente que a humanidade tacteia em busca de novos horizontes — requer uma transformaçao social completa, erguendo sobre esses escombros que ahi estão, uma sociedade sem chefes nem hierarchias, em que o individuo seja livre em toda a sua plenitude.

Esta é a synthese em que se consubstanciam as modernas aspirações, visto que a humanidade já chegou á conclusão de que não se pode conceber um delineamento social harmonico desde que exista a concepção de governo, porque a experiencia tem demonstrado que a estabilidade dos povos è sempre conturbada pela depressão moral dos governantes.

Havendo governos hade haver ascendencias hierarquicas, e está demonstrado de modo cabal e positivo que essas ascendencias são sempre estribadas na fraude e na prevaricação, corrompendo assim o ambiente social.

***

Se, portanto, já comprehendemos estas grandes verdades, urge que nos congreguemos em torno de um mesmo ideal que, accelerando a evolução que ora se opera, possa ter a capacidade de constituir as moleculas da sociedade do porvir.

LEBINDO VIEIRA

Os empregados nas padarias e as cadernetas patronaes

Ainda não ha muito tempo que os padeiros sahiram de um movimento de luta contra o patronato e talvez muito em breve sejam obrigados a lançar-se noutro, o qual será ainda de maiores consequencias do que o anterior.

Tratam actualmente os proprietarios de padarias de obrigar os seus empregados ao uzo de uma caderneta, fornecida pelo patrão, na qual seja lançado o bom ou não procedimento do empregado; almejam tambem obter outra caderneta de identificaçã da policia, para uzo obrigatorio de todos aquelles que forem obrigados a trabalhar nas padarias.

Os empregados, como é natural, repelem essas cadernetas. Primeiro, porque constituem uma imposição e ao mesmo tempo uma humilhação vexatoria; segundo, porque alegam os que são vendedores de pão que são coagidos a fiar ao freguez, por sua conta, e, muitas vezes, são levados a fazerem contas com o patrão, para salvar os seus salarios.

Esse patrão, ao despedir-se o empregado do serviço da casa, não lhe quer abonar o debito do freguez, razão pela qual o empregado se cobra, não pagando por sua vez ao patrão.

Desta maneira, o patrão como represalia não abona a conducta do empregado, prevalecendo-se do facto do empregado não ter liquidado contas, quando elle patrão é que não quiz abonar ao empregado a quantia que o freguez comprou.

Mas, ainda o fito patronal vai mais além: com a implantação das cadernetas, os patrões pretendem negar trabalho a "todos aquelles que sejam conhecidos pelas suas ideias socialistas ou syndicalistas"!

Que se preparem pois os proprietarios de padarias se tentarem levar avante essa estulta e ignobil pretenção das cadernetas; que se aprontem para uma nova refrega que terá como reforço, a assegurar o seu triunfo, a pratica adquirida na ainda recente e salutar acção reivindicadora, cuja lembrança ainda nos perdura na mente...

JOSÉ ANTONIO.

O REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO PARA OS EMPREGADOS NAS PADARIAS

Os empregados em padarias, que levaram a effeito o movimento grevista de 10 de julho passado, vêm por este meio, perguntar quando é que as autoridades que prometeram uma lei reguladora do trabalho nas padarias provarão que de facto querem cumprir com a sua palavra?

Estarão aguardando outro movimento grevista, ou pensarão que os padeiros estão dormindo?

Isto, porem, vem mais uma vez confirmar aquella quadra da Internacional dos Trabalhadores, que diz: «Façamos nós por nossas mãos tudo o que a nós nos diz respeito».

Os padeiros porem estão sempre alerta e não se admire ninguem se muito breve elles forem perturbar a digestão dos fartos...

ANTONIO PEREIRA

TAMANQUEIROS, TODOS A' BARRICADA

Companheiros, foi na barricada que o povo em 1789, em França, fez baquear a nobreza.

Foi na barricada que o povo portuguez derrubou o regimen passado. Agora, pergunto eu, o que é o syndicalismo? Não é uma barricada, da qual os operarios tamanqueiros, tambem conquistaram augmento de salario e diminuição de horas de trabalho?

Se assim é, companheiros, vinde associar-vos á nossa associação de classe, verdadeiro castello syndicalista, onde se préga o syndicalismo—a maior barricada de todos os tempos. Foi por influencia d'ella que melhoramos a nossa situação, e ha de ser na mesma que havemos de lutar, não só defendendo direitos já conquistados, mas ainda pela completa liberdade e bem estar para todos.

Companheiros de infortunio, quem vos fala é uma victima como vós da prepotencia patronal da classe burgueza e parasita, é um dos ha muito revoltados contra todos aquelles que oprimem e miseravelmente exploram os trabalhadores, e que vos péde não permitaes que trabalhe um só operario sem ser associado ao nosso syndicato de resistencia, a melhor e verdadeira escola que nos ensina a exigir os nossos direitos, assim como a cumprir os nossos deveres na hora da luta. A uuião faz a força, e só pela força é que podemos reivindicar tudo quanto a classe burgueza nos tem usurpado, e derrubar toda a opressão e conseguir o que almejamos: o maximo de bem estar e liberdade para todos.

A. CEREGEIRA.

Pequenas noticias

O QUE E' O ESTADO — Perante regular assistencia, realisou-se quinta-feira ultima, na séde da Liga Anticlerical, a conferencia annunciada de José Elias da Silva, que escolheu para thema — *O que é o Estado*, de envolvendo-o proficientemente. Hoje á noite, ás 20 horas, se dará outra conferencia, lendo Astrojildo Pereira um trabalho de actualidade: *Cardeal, filosofo e guerreiro. Variações em torno de uma pastoral.* A entrada é franca. Praça Tiradentes 71.

LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIA — Em assembléa geral, effectuada no dia 31 do mez p. p., foi deliberado isentar do pagamento das mensalidades os associados em debito até o mez de junho p. p. Na proxima terça-feira, 14 do corrente, ás 19 horas, será realizada uma reunião geral da classe, para tratar das cadernetas impostas pela classe patronal, para uso obrigatorio dos empregados. Espera-se que compareçam a esta reunião todos os companheiros que possuam a consciencia dos seus direitos e prezem a sua liberdade de homens.

A FESTA DA LIGA ANTICLERICAL — Sabbado ultimo, como fora annunciado, realisou-se a festa promovida por esta associação, na séde do Centro Cosmopolita. Foi o seguinte o programma: *Referencias sobre a guerra*, conferencia pelo dr. José Oiticica; recitativos varios, baile familiar. A festa correu animadissima, deixando excelente impressão.

CONFEDERAÇAO OPERARIA BRAZILEIRA — Reuniu-se ante-hontem, em sessão mensal ordinaria, a commissão confederal, tratando de varios assumptos de interesse geral.

FABRICAS DE TECIDOS — A' ultima hora recebemos dois artigos de operarios tecelões a respeito das condições actuaes de trabalho nas fabricas de tecidos do Rio de Janeiro. O pouco espaço de que dispomos e a hora tardia em que nos chegaram ás mãos os referidos artigos obrigam-nos a adiar a sua publicação para o proximo numero. E desde já chamamos a attenção do proletariado em geral para o caso.

DESEJA-SE SABER o paradeiro de Irma Marquetti, que, no anno de 1912, residia em Chacabuco, provincia de Buenos Aires, Republica Argentina.

E' favor dirigir qualquer informação a Florencio Gonzalez, redacção de «La Protesta»—California 1955, Buenos Aires.

INDICADOR

CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRASILEIRA.—Séde da secretaria: Praça Tiradentes 71 (sobrado)—Expediente: todos os dias uteis, das 20 ás 21 horas.

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO — Séde da secretaria: Praça Tiranentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

Syndicatos federados:

1º. UNIÃO DOS ALFAIATES — Séde: Praça Tiradentes 71—Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

2º. SYNDICATO DOS SAPATEIROS—Praça Tiradentes 71.—Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

3º. LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIA—Praça Tiradendes 71—Expediente: todos os dias, das 17 ás 21 horas.

4º. CENTRO DOS OPERARIOS MARMORISTAS — Praça Tiradentes 71—Expediente: todos os dias, das 19 ás 20 horas.

5º. LIGA INTERNACIONAL DOS PINTORES — Praça Tiradentes 71. — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

6º. SYNDICATO DOS ESTUCADORES—Praça Tiradentes 71.—Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

7º. SYNDICATO OPERARIO DE OFFICIOS VARIOS—Praça Tiradentes 71.—Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

8º. SYNDICATO DOS PANIFICADORES—Praça Tiradentes 71.—Expediente: todos os dias, das 10 ás 14 horas.

9º. UNIÃO DO OPERARIOS TAMANQUEIROS—Praça Tiradentes 71.—Expediente: aos domingos, depois das 14 horas.

10º SYNDICATO DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS—Rua da Passagem 161—Expediente: ás quintas-feiras, das 19 ás 21 horas. Sede da Succursal: Rua Barão de Mesquita, 863 — Expediente: ás terças-feiras, das 19 ás 21 horas.

SOCIEDADE UNIÃO DOS FOGUISTAS—Rua do Hospicio 159.—Expediente: das 7 ás 21 horas—Telephone: 2744 Norte.

CENTRO DOS EMPREGADOS EM FERROVIAS—Rua do Hospicio 170. — Expediente: das 8 ás 21 horas. Telephone: 3253 Norte.

UNIÃO PROTECTORA DOS CATRAEIROS—Largo de S. Domingos 4—Expediente: todos os dias, menos aos domingos, das 10 ás 18 horas.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS BARBEIROS E CABELLEIREIROS—Largo de S. Domingos 4—Expediente: das 20 ás 21 horas.

CENTRO COSMOPOLITA—Rua do Senado 215—Expediente: todos os dias, das 13 ás 16 horas.—Telephone: 1499 Central.

SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFÉ—Rua Municipal 9.—Expediente: durante todo o dia.—Telephone: 4915 Norte.

SOCIEDADE UNIÃO DOS ESTIVADORES—Rua do Acre 19.—Expediente: durante todo o dia—Telephone: 2631 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS CARROCEIROS, COCHEIROS E CLASSES ANNEXAS—Rua Marquez de Pombal 41—Expediente: durante todo dia—Telephone: 3101 Norte.

ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS E REMADORES—Rua Conselheiro Zacharias 66—Expediente, todos os dias, das 7 ás 20 horas—Telephone 2296 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM CARVÃO E MINERAL—Avenida do Caes do Porto 851—Expediente: durante todo o dia—Telephone 3466 Norte.

CENTRO DOS CHAUFF—EURS Rua da Quitanda 6—Expediente: durante todo o dia—Telephone: 978 Central.

CENTRO INTERNACIONAL — Avenida Men de Sá 78.—Expediente: das 14 ás 15 horas — Telephone: 2316 Central.

UNIÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO —Rua da Assembléa 71, 2.º andar.

GREMIO DOS MACHINISTAS DA MARINHA CIVIL—Rua do Rosario 34.

CIRCULO DOS OPERARIOS DA UNIÃO—Rua Marechal Floriano Peixoto 18.

Nem todas as associações estão aqui registradas, e das que o estão, algumas são as de que conseguimos obter informações precisas das sédes, nem das horas de expediente.

Para que este *Indicador* se torne completo, nos pedimos aos interessados que se dirijam directamente a nós, fornecendo-nos os dados sufficientes, o que de amtemão agradecemos.

ALFAIATARIA
LEAL JUNIOR

Roupas sob medida
ara homens e senhoras.

Preços modicos e a prestações

Rua do Lavradio, 28

Telephone 4?25-Central

Bons productos
RIO GRANDENSES

Queijos diversos typos
Salame,
Mortadella,
Presunto,
Bacon fumeiro,
Linguiça,
Carnes fumeiras,
Linguiça em lata,
Feijoada em lata,
Lingua em lata,
Patés em lata,
Cmarões em lata,
Peixes em lata,
Mate em folha,
Mate chimarão,
Mel de abelhas,
Compotas diversas,
Marmelada de "marmelo",
Figada,
Aracagada,
Pecegada,
Vinho typo Bordeaux,
Vinho typo Clerete,
Vinho diversas marcas,
Vinho branco e typo Porto.
DEPOSITO: CASA RIST

Rua Sete de Setembro, 71

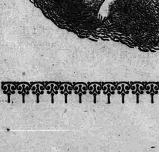
Teleph. 488 - Central

Escola Remington

Dactylographia, tachygraphia, redacção, escripturação e calculos commerciaes, linguas vivas e desenho.

Rua 7 de Setembro, 67

Ser bella e Fascinante?!!



--Como?
--Simplesmente usando a JUVENTUDE-ALEXANDRE, unico restaurador dos cabellos que evita a sua quéda e a caspa.
--E quando?!!
--Já, immediatamente, compre um frasco da JUVENTUDE-ALEXANDRE, que custa apenas 3$000, e poderá ser bella e fascinar o mundo.
--E onde se vende este preparado?
— A JUVENTUDE ALEXANDRE vende-se em todas as perfumarias e drogarias.

16

energias; a morte por accidentes, e o sacrificio de vidas que exigem as industrias, gastando precocemente organismos fortes e triturando corpos sanguinolentos nos dentes das rodas e nas rapidas polias, já dizimam a população de tal modo que se tornam desnecessarios os processos de esterilização dos Neo-Malthusianistas e as crueldades das guerras

Para que alimentar esse culto sanguinario á crueza de sentimento, incrementar o patriotismo, que é uma paixão aggressiva, educar e orientar para o mal o apego natural ao torrão natal a que estão para sempre presas suaves recordações da infancia, tristes saudades de entes queridos, cariciosas lembranças de primeiros affectos?

Tudo na natureza está tão perfeitamente regulado: tudo na natureza está tão genialmente pesado, medido e bem distribuido; tudo está sujeito a tão exactos calculos, tão precisos, inevitaveis e infalliveis, que, fiado na força organizadora e previdente que ordenou o Kosmos, o homem deve respeitar sempre religiosamente o que revela esse esforço ingente, incomprehensivel por ora, e ainda inexplicavel.

As guerras são attentados contra a natureza; com repugnancia, pezar, vergonha de viver em uma tal época, estremeço de horror, quando sob minhas vistas passam as gravuras vulgarizadoras dos artefactos aperfeiçoados das armas de guerra, e navegam em direcção ao dique fluctuante esses collosaes «dreadgnouts» de que se orgulham os brazileiros, machinas de morte, negros como os abysmos que os deviam tragar, quando nelles não estivesse um ser vivo

Pensando na saude de filho doente, acredito que, sendo homem, homem digno desse nome, alcançará elle tempos melhores, de mais equidade, mais justiça, mais liberdade e paz, podendo gosar livre, esthetica e gloriosa a vida, em um regimen social de solidariedade perfeita. As afflicções da molestia, o máu gosto dos remedios, as impertinencias da diéta, a permanencia amolentadora no leito, ensinar-lhe-hão a saborear a saude, e a gosar conscienciosamente a vida

A passagem pela minha porta do ex-soldado Sancho despertou-me nova serie de ponderações.

Pelos areiaes escaldantes, sob os raios ardentes do sol, lá se vae elle arrastando sua miseria.

De camisa aberta ao peito, rolando entre as mãos incertas velho chapéu de palha, com a precoce calvicie exposta ás imtemperies, de pés descalços tacteando o chão quente, zigzagueando pela estrada, resmungando phrases grossas e sem nexo, guardado á vista por um policial, passa o habil operario que o desespero da vida rude não levou á violencia de um suicidio instantaneo, mas conduz lentamente ao suicidio gradativo, á morte moral, á extincção paulatina de todos os bons sentimentos, de todo o pundonor, de todas as qualidades de sêr pensante.

13

cavel deslumbramento, não se lembrava do logar onde se achava, suspensa daquella magica apparição sua alma de maritimo, que as vicissitudes de uma vida attribulada de recruta e soldado não conseguiram modificar nos seus impetos para a phantasia, para os enthusiasmos faceis, para o devaneio. Nesse estado de semi-inconsciencia, que tinha mais de allucinação do que de sonho propriamente, permaneceu em extasis.

O vento continuava rijo, emmaranhando-lhe os cabellos, fustigando-lhe as faces.

Da praia da Ribeira lufadas de sonoridades musicaes iam indistinctamente até seus ouvidos. Prestou attenção. Eram canticos, eram toadas suas conhecidas; até as vozes lhe pareciam familiares. Lembrou-se então que estavam nas vesperas de Natal.

Com certeza, pastorinhas, em ranchos, iam annunciar pelos povoados o nascimento de Christo. Elle bem se lembrava de seu tempo de rapazola; tambem representou de *velho* naquelles autos; tinha boa voz. Machinalmente, começou a entoar uma daquellas coplas que se eternizam na memoria do povo, e todos os annos parecem novas.

Com as bemfazejas e doces reminiscencias da infancia se embrulharam as tristes passagens de sua vida de soldado, nos descampados do Paraná, nos Campos Geraes, nos silencios aggressivos da matta, no ramerrão dos acampamentos, soffrendo castigos corporaes, injustos e violentos, lenidos pelo delirio da ebriedade. Um véo de luto, uma nevoa de loucura e dôr, escureceu-lhe o intellecto; comprimiu-lhe o coração a mão de ferro do despeito impotente e, com um gesto de raiva e de odio, ameaçou o céu inclemente, que começava a humedecer-lhe as roupas com as primeiras gottas de chuva grossa.

As vozes continuavam, elevando-se e tornando-se mais distinctas, á proporção que elle descia a montanha Sancho trazia o rosto mais fechado e mais tempestuoso do que a noute que o cercava.

Procurou uma taverna e continuou a entoxicar-se......

Apezar da chuva que cahia e que ameaçava continuar noite a dentro, as pastorinhas andavam de um para outro lado, visitando as influencias politicas da localidade. Sancho encorporou-se ao prestito, já muito ebrio.

Quando, em uma das casas visitadas, o rancho começou a dançar e os bailes pastoris iam ter sua sequencia natural, atravessou a sala, levando nos braços o filho mais moço, adormecido, Clarinha.

Era outra mulher então, como outro era Sancho. Casára um ou dois annos depois que Sancho fôra recrutado; estava uma mulher anafada, em que o tecido adiposo nivelára, achamboára todas as reentrancias e saliencias, todas as linhas e todos os contornos que a tornavam tão airosa, tão elegante, tão flexivel e bella, noutros tempos. Conservava ainda a belleza phisiono-

A FELICIDADE DE NOSSO LAR

está no uso constante dos primorosos licores, vinhos de fructas, xaropes, fructas crystallisadas e em compota, geléas geleadas, marmelada, goiabada, bananada e laranjada

MARCA DA FABRICA

USINA SÃO GONÇALO

a unica fabrica de doces e bebidas que não teme a concurrencia dos productos extrangeiros ou nacionaes, apezar de todos os seus productos serem genuinamente nacionaes

A' VENDA EM TODAS AS CASAS DE DOCES, BEBIDAS E ARMAZENS DE MOLHADOS E NO DEPOSITO E ESCRIPTORIO A' RUA S. JOSE, 57 — TELEPHONE CENTRAL 4475

J. SEABRA.

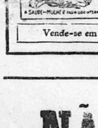
Para incommodos de Senhoras

A SAUDE DA MULHER

Poucas colheres alliviam
Poucos frascos curam:

Flores Brancas

Incommodos da edade critica.
Regras dolorosas.
Colicas uterinas.
Inflammação do utero.
Hemorrhagias.
Suspensão.



Laboratorio Daudt & Lagunilla
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brazil

LIVROS

SOCIOLOGIA, ARTE, SCIENCIA E LITERATURA, ETC.

As pessôas, tanto desta capital como do interior, que desejarem adquirir livros, jornaes, revistas, etc em varias linguas, podem fazer as requisições acompanhadas das respectivas importancias, que serão promptamente attendidas.

Fornecem-se catalogos

Pedidos a Nilo Ferreira
Caixa postal, 1936 - Rio

CLINICA MEDICA
DO
DR. ARTHUR DE VASCONCELLOS

SYPHILIS

(914 - 606)

Das 3 ás 5 da tarde — Rua do Rosario, n. 85.

COLLEGIO NACIONAL
R. FIGUEIREDO MAGALHÃES, 42
COPACABANA

CURSO COMMERCIAL
Curso nocturno e diurno
RUA DO ROSARIO, 170
1º ANDAR

A collecção dos 10 primeiros numeros de "Na Barricada", nesta redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

NÃO HA QUEM NÃO CONHEÇA A CASA DE LOTERIAS

A Rua do Ouvidor n. 151

De propriedade de LOPES & C.

E' a casa que mais sortes tem vendido aqui no Rio, e é preciso notar-se que não são sortes pequenas e sim grandes. Depois que se transformou de charutaria em casa de loterias, já tem esta casa vendido

CENTENAS DE CONTOS DE REIS EM PREMIOS

Ha outras no mesmo ramo de negocio que têm vendido sortes em proporção semelhante, porém não têm a seriedade que nesta se encontra nos pagamentos dos premios vendidos. Afinal, quem ahi compra bilhetes está quasi certo de tirar algum premio, por menor que seja, e de receber.

Succursaes; RUA DO OUVIDOR, 181 e RUA DA QUITANDA, 59 - C. -- RIO DE JANEIRO
e Rua de S. Bento n. 126 -- S. PAULO.

14

mica, mas, inexpressiva, cansada, sem ao menos o realce das lindas tranças bem penteadas, que lhe formaram um diadema de vida e mocidade, nos tempos de seus primeiros amores.

Tornara-se um sadio animal reproductor.

Entretanto a embriaguez de Sancho despiu-a de todas as alterações que o tempo e os trabalhos lhe haviam impresso no rosto e no corpo, diversas vezes trabalhado pela maternidade, e representou-a, em sua allucinação, a mesma Clarinha de seu noivado.

Vendo-a, reconhecendo-a, só lhe chegou um impulso, o de apoderar-se della, do seu unico e primeiro amor, beijal-a muito e fugir com ella para muito longe, para um logar indefinido na sua mente, mas onde a felicidade seria certa. Repellindo assistentes, Sancho penetrou loucamente na sala e apertou nos braços sua ex-noiva. Surprehendida, atordoada, Clara debateu-se, gritou. O tumulto foi indescriptivel. Ninguem reconhecia naquelle vagabundo audaz o Sancho, tão querido naquelles logares e que as vinganças do torpe partidarismo haviam feito *sentar praça*. Mãos violentas, armadas de cacêtes, facas e armas de fogo, se levantaram sobre o pobre ebrio, que, nos arrancos daquella lucta desigual, cahiu em convulsões, escabujando e contorcendo-se macabramente, perdendo os sentidos.

V

A Vida

Meio-dia a pino. Ao mar espelhante, sereno, com a superficie verde-escuro apenas enrugada pelo balançar morno das aguas profundas; ao silencio da natureza preoccupada com seu pensamento creador, absorvida pelo cumprimento de sua tarefa ingente, em que não entram em conta, nem os soffrimentos nem as alegrias individuaes, despercebidas no movimento grandioso da vida universal; a tudo, lá fóra, recorri pedindo um thema descriptivo, que me alheiasse das luctas mesquinhas e das barbaras e cruentas tragedias de que não se cansam os jornaes de dar gravuras repellentes dos campos de batalha, dos armamentos aperfeiçoados, dos canhões portateis, de todos os artefactos de exterminio da vida, na sua mais elevada manifestação — o homem.

Tudo, lá fóra, egoistica e aggressivamente immovel, sob a luz causticante de um verão senegalesco, se recusava a servir de assumpto a ser explorado.

Fiquei embevecido a olhar a immobilidade relativa do que me cercava, das palmas altas e verdes, dos cajueiros copados e até das folhas cahidas, subtil e silenciosamente, da copa amarellecida da figueira brava.

15

De dentro de casa me chegava a voz debil do filho febril; repentinamente, sob o repouso apparente da paizagem, senti que palpitava intensa a vida, se contorcia a dor universal, incommensuravel, epica e inextinguivel, que nos foi dom divino, conforme a lenda biblica, quando das portas do Paraiso Terreal a voz lendaria do Creador nos condemnou ao trabalho forçado de fecundar a terra com o suor do rosto, legando á nossa descendencia o estigma original, de que ainda nos não redimiram os milagres, a boa vontade, a santidade e o sacrificio de todos os Messias, nas suas peregrinações de paz e caridade.

A dor universal, companheira do homem desde o nascedouro, necessario estimulo para a defeza e para a lucta, veiu em maré montante até meus olhos, deslumbrados pela luz causticante deste glorioso dia, azul e ouro.

Cada vez mais borbulha em mim a repulsa aos attentados guerreiros, ao sacrificio em massa de pobres homens, levados aos campos de batalhas, sem a comprehensão exacta dos interesses da injustiça humana de que os constituiram defensores, exaltados pela perversidade dos interessados na manutenção de um pé de guerra constante, entre as nações, explorados nos seus bons sentimentos de amor á terra natal e á familia, allucinados pelo contagio de enthusiasmo das loucuras da multidão, pelas arengas dos patriotas profissionaes, pelas flamulas agitadas, pelas musicas excitantes e atordoadoras, pelos metaes hypnotisadores, pelas suggestões de glorias e acclamações nacionaes, com entrada forçada na historia dos povos, ao lado dos grandes assassinos — Alexandres ou Napoleões.

Que apego que tem o homem á vida! Os irremediavelmente condemnados á morte buscam anciosamente uma esperança; á consulta medica vão com frequencia mães lacrimosas, em cujos rostos se reflecte o horror do transe maior e mais doloroso da perda do filho amado do que a dor enorme de havel-o feito nascer. Quanto é amada a vida e quão criminosos são os que a esbanjam, estimulando morticinios em massa, provocando o exterminio da mocidade no melhor periodo da sua força, alegria e capacidade procreadora!

Ainda estão em tão nebuloso futuro, tão longe .. tão longe as previsões de Malthus! A necessidade das guerras, que elle considerou processo natural de equilibrio da população em relação aos meios de manutenção, eliminação necessaria de excedentes incapazes, abrindo vagas aos mais fortes na conquista da productividade mundial insufficiente á população crescente assustadoramente, não passa de um sonho de sociologo, que não contava com os avanços maravilhosos da sciencia. Na terra haverá logar para todos durante seculos e seculos, e os cem annos de Malthus terão prorogações successivas.

A morte por molestias, não a morte natural, a que se refere Metchinickoff, pelos gastos organicos e acabamento lento das

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1|2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaborahy n. 45

SABBADO, 11 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 34.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

SABBADO, 18 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde — 300 — 22.ª

100:000$000 Inteiros 8$000 — Decimos a $800

SABBADO, 25 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde 309 — 35.ª **50:000$000**

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 °|°.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.